Adufg SINDICATO

Jornal do Professor

PUBLICAÇÃO DO SINDICATO DOS DOCENTES DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DE GOIÁS – ANO I – Nº 1 – SETEMBRO 2012

EDITORIAL

Aos professores da UFG

Durante três meses, estivemos envolvidos num grande movimento em defesa da nossa categoria, em busca de melhores salários e reestruturação da nossa carreira de docente. A dignidade do professor sempre esteve à frente das nossas reinvindicações. Foi um movimento poucas vezes visto em nosso País. Na UFG fez emergir novas ideias, balançou estruturas, renovou pensamentos, promoveu intensos debates e confrontou concepções acadêmicas diferentes. Foram momentos de trocas de conhecimentos enriquecidos na solidariedade de uma luta comum, com objetivos comuns.

Aprendemos que o professor da UFG necessitava de um canal, de um veículo próprio de comunicação que o colocasse em contato com professores de unidades diferentes por meio de um processo horizontal, democrático e plural. Um diálogo que possa ser compartilhado por todos, num processo coletivo, sem fronteiras e sem barreiras.

Foi com esse espírito de diálogo que estamos lançando o projeto **Jornal do Professor**; que, entre outros objetivos, é ser um ponto de encontro do professor da UFG. Será uma publicação mensal com 16 páginas, formato germânico. A prioridade é mostrar no cotidiano o trabalho científico, cultural, tecnológico e de extensão do professor. O debate plural será assegurado por artigos assinados por professores de opiniões e tendências diferentes. Aos professores dos campi de Jataí, Catalão e Cidade de Goiás serão asseguradas páginas específicas.

Participe do jornal enviando matérias sobre assuntos do seu trabalho e da sua pesquisa à nossa redação.

Contato com a Redação:
Telefone:
62 3202-1280
E-mail:
jornaldoprofessor@adufg.org.br

Mosaico de fotos retrata a paralisação dos professores das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) em todo o País. ***Páginas 4 e 5***

CÂMPUS JATAÍ

Professores denunciam 'colonização'

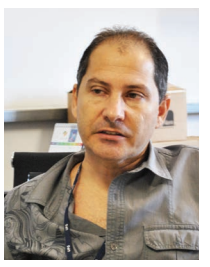
Problemas de infraestrutura, déficit de técnicos administrativos, excesso de carga horária e escassez de recursos são parte do cotidiano ds professores do Câmpus Jataí. Situação que atingiu a autoestima e criou entre o quadro de docentes uma sensação de "colonizados" pelo Câmpus Goiânia. **Páginas 12 e 13**

PROJETO DE EXTENSÃO

Gláucia Maria Cavasin ensina sexualidade a crianças. **Página 2**

Direito forma turma de trabalhadores rurais

Graduados pela UFG, Suelen Ferraz, João Denes e Susana Ferraz deixam a roça e montam escritório em Itapuranga. **Página 10**



PROFESSOR ENTREVISTA PROFESSOR

IPTSP desenvolve nova vacina contra tuberculose

André Kipnis responde a Abraão Garcia Gomes questões sobre a evolução do bacilo e faz panorama da realidade da pesquisa no Brasil. **Páginas 8 e 9**

Outra cultura a partir da greve

Pesquisa de professor do Câmpus Catalão pode detectar mudanças de percepção de valores depois da paralisação. **Página 11**

PERFIL: JOSÉ ÂNGELO RIZZO **Página 16**

MENSALÃO: ANÁLISE LINGUÍSTICA **Página 14**

Greve nas universidades

Nesta sessão, dois professores publicam suas análises sobre a greve das Instituições Federais de Ensino Superior ocorrida este ano. Os textos foram enviados pelos autores e reproduzidos na íntegra pelo **Jornal do Professor**. *Para participar deste debate, os professores podem enviar textos e foto com boa resolução para o email jornaldoprofessor@adufg.org.br. Mais informações pelo telefone (62) 3202-1280*

A greve, as conquistas e as contradições

Adão José Peixoto*

A greve nas universidades e institutos federais de ensino foi uma das maiores greves do movimento docente nos últimos anos. Foi também uma greve atípica, porque nasceu da vontade e mobilização dos professores, portanto, da base, e não da vontade dos sindicatos, especialmente do Proifes.

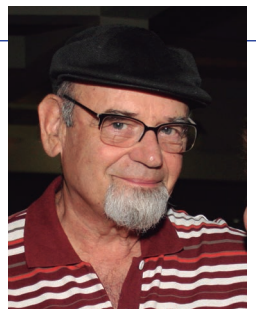
Apesar de o movimento grevista ter enfrentado não só a intransigência do governo em não negociar como também as dificuldades criadas pelo Proifes em âmbito nacional e, aqui em Goiás, pela Adufg, conseguiu importantes conquistas, como: carreira com cinco classes e treze níveis (o governo e o Proifes propunham cinco classes e vinte níveis); reajustes salariais acima do que o governo inicialmente propôs (só não foi escalonado em dois anos, 2013 e 2014, dada a pressa com que o Proifes assinou o acordo); a reversão da mudança dos adicionais dos cálculos de insalubridades e periculosidade da MP 568/2012; manutenção dos 45 dias de férias; aumento dos percentuais do auxílio-alimentação e de saúde.

"A greve explicitou o papel do Proifes e das associações a ele filiadas, como é o caso da Adufg, de aparelho sindical do governo"

Essas conquistas só não foram melhores porque o Proifes assumiu o papel de defesa do governo, dificultando as negociações.

A greve serviu também para explicitar as contradições que até então estavam camufladas. Explicitou o papel do Proifes e das associações a ele filiadas, como é o caso da Adufg, de aparelho sindical do governo. Por isso, a opção pelo trabalho de bastidores com os representantes do governo, o contato virtual com os filiados, o debate público, a crítica e a avaliação pelo silêncio. Serviu, sobretudo, para explicitar a necessidade de mudança da direção da Adufg.

**Mestre em Filosofia (PUCCAMP), doutor em Educação (USP), professor da Faculdade de Educação da UFG.*



Quem vai pagar a fatura?

Peter Fischer*

O fim da greve é a volta de um período conturbado com a casa desarrumada, tudo fora de lugar, coisas para lavar, coisas para consertar. Claro que para alguns o aumento de trabalho será compensado pelo desempenho político de comandar um exército de funcionários públicos; para outros extremistas valeu a pena fazer estremecer as bases deste governo neoliberal que acreditam mancomunado com o capital internacional; para outros poucos, valeu a diversão, as noitadas de reunião e as conversas à mesa do bar com a sensação de estar salvando nosso País.

Outros colegas, com base no bom senso, estão fazendo seus cálculos do tempo perdido, do trabalho parado, e, talvez, de oportunidades passadas. Muitos devem estar lamentando não ter voltado em primeiro de agosto, na assinatura do compromisso.

Eu já sabia; para nós, da velha guarda, isto tudo é repetição de algo já visto e de péssima lembrança. Houve tempo em que as greves aconteciam anual ou bianualmente. Sempre a mesma ladainha de uma pauta enorme e, no fim, pouquíssimos ganhos. Já naquele tempo se repetia que a greve é forte e que os ganhos organizacionais compensavam o trabalho.

Esta foi a razão do surgimento do Proifes, reunião de professores cansados de "ideologismos" e com esperança de negociações livres baseadas em ideias voltadas para o corpo docente de nossas Universidades Federais. Um punhado de idealistas das mais variadas matizes ideológicas uniu-se por acreditar que o trabalho sindical não deve ter conotação político partidária, mas, sim, representar o interesse de seus representados.

Agora como explicar que as únicas vantagens havidas foram as conquistadas pela proposta do Proifes? Como explicar que se arrastou esta greve apenas pela simples necessidade dos dirigentes de marcar posições político-partidárias? Como vão explicar agora as afirmativas defendidas na Assembleia e hoje vazias à luz da história recente?

Só espero que não sejam nossos alunos a sofrer reposições descuidadas, apressadas ou superficiais, porque eles, mesmo sem querer, estão pagando parte da fatura!

**Peter Fischer, professor aposentado da Escola de Veterinária da UFG*

Adufg SINDICATO

17ª Diretoria Executiva
Sindicato dos Docentes das Universidades Federais de Goiás

Rosana Maria Ribeiro Borges
Presidente

José Wilson Nerys
Vice-presidente

Elias Nazareno
Diretor Secretário

Bartira Macedo
Diretora Adjunta Secretária

Beneval Rosa
Diretor Administrativo

Flávio Alves da Silva
Diretor Adjunto Administrativo

Antônio César de Oliveira
Diretor Financeiro

Lucilene Maria de Sousa
Diretora Adjunta Financeira

Carlos Alberto Tanezini
Diretor para Assuntos dos Aposentados e Pensionistas

Rui Yamada
Diretor Adjunto para Assuntos dos Aposentados e Pensionistas

Jornal do Professor

PUBLICAÇÃO DO SINDICATO DOS DOCENTES DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DE GOIÁS

ANO I – Nº 1 – SETEMBRO 2012

Projeto idealizado por:
Prof. Juarez Ferraz de Maia

Editora responsável:
Alessandra Faria (JP01031/GO)

Editor e redator:
Macloys Aquino (FENAJ 02008/GO)

Projeto gráfico e diagramação:
Cleomar Nogueira

Estagiários:
André Albuquerque, Cristine Cidade e Frederico Oliveira

Publicação mensal

Tiragem:
2500 exemplares

Impressão:
Flexgráfica

Contato:
jornaldoprofessor@adufg.org.br

9ª Avenida, 193, Leste Vila Nova - Goiânia - Goiás

Fone: (62) 3202-1280

Produção e edição:
Assessoria de comunicação

Sexualidade na sala de aula

Ao menos 8 mil crianças e adolescentes de escolas públicas e privadas já tiveram acesso às oficinas do projeto Sexualidade: Mitos e Verdades, do ICB III

Arquivo pessoal

Gláucia explica para crianças entre 8 e 9 anos as alterações hormonais que ocorrem no corpo durante a puberdade: ao menos 8 mil alunos atendidos

Quando o assunto é sexo, é comum surgirem em saula de aula, por parte de crianças e adolescentes, perguntas com teor pornográfico, carregadas de palavrões e de erros de português. O que denuncia que muitas informações sobre educação sexual de meninos e meninas surgem mesmo na rua, em chats na internet – às vezes com pessoas mais velhas – e, principalmente, de filmes pornográficos.

É o que verifica o projeto de extensão Sexualidade: Mitos e Verdades, do Instituto de Ciências Biológicas (ICB III) da UFG, que já atendeu oito mil alunos dos ensinos Fundamental e Médio, de escolas públicas e privadas em Goiânia. Para a fundadora e coordenadora do projeto, professora doutora Gláucia Maria Cavasin, quanto menos essa educação vem de casa, no diálogo franco com pais, mais dificuldade os educadores enfrentam.

"A professora toca no assunto e a turma já cai na risada, fala junto, grita. Sempre levam no sentido pejorativo, da pornografia e da brincadeira. Aí a aula não acontece", conta Gláucia. Ideologias e preconceitos religiosos também confrontam a educação sexual na escola. "Às vezes não conseguimos nem agendar as oficinas porque diretores não consequem autorização dos pais. Linhas de pensamento religioso proíbem uma orientação científica sobre masturbação, higiene e sexo", constata.

Emergência

Apesar do caráter preventivo, as oficinas do grupo já foram solicitadas emergencialmente por diretores de escolas, aflitos com comportamentos de risco por parte de alunos. Um caso de gravidez precoce, certa vez, levou coordenadores a descobrirem que a casa de um aluno servia de ponto de encontro de crianças entre 11 e 13 anos de idade. Os pais trabalhavam fora e deixavam sozinho o garoto, que ajeitava filmes pornôs e relações sexuais coletivas, até que uma colega engravidou.

Noutra ocasião, surgiu entre os corredores de uma escola o boato de que algumas alunas estariam tendo relações com cachorros. A diretora da escola recorreu à professora Gláucia que, além da equipe formada por ela e alunos da Faculdade de Medicina, levou também um professor da Escola de Veterinária para falar. A oficina sobre DST foi cuidadosamente ampliada para os riscos de doenças transmissíveis por meio de animais.

"O trabalho almeja reduzir casos de gravidez indesejada, contaminação de DSTs, incentivar a higiene pessoal e o respeito mútuo", ressalta. "Não se trata de impedir o prazer, mas que este deve ser feito de maneira consciente. O lema é 'liberdade com responsabilidade'. Mostramos que não compensa, às vezes por um minuto de prazer, colocar tanto a perder", diz a professora Gláucia.

Cristine Cidade

Professora Gláucia Maria Cavasin, coordenadora do projeto

Dificuldades

O projeto de extensão enfrenta ainda dificuldades internas, com falta de técnicos e disponibilidade de bolsas para alunos poderem se engajar. "Porque é multitarefa", afirma Glácia Cavasin, que fundou e coordena o projeto há dez anos e que ainda existe graças a sua entrega à causa. "É o prazer de contribuir com uma gota para a construção de uma sociedade melhor", conta. Já houve alunos treinados nas oficinas e que, depois de aprovados no vestibular da UFG, também passaram a integrar o projeto.

Todo material didático disponível às oficinas, que lota dois grandes armários dentro do Laboratório de Morfologia do ICB III – além de cartilhas, banners, folders –, foi adquirido com recursos da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, da Faculdade de Medicina e do ICB III. O projeto Sexualidade: Mitos e Verdades já foi objeto de trabalhos apresentados em congressos nacionais, Bienal do Livro, Pensar XXI, Centros Comunitários, orfanatos, feiras de ciências, escolas públicas privadas, diurno e noturno, inclusive na Educação de Jovens e Adultos.

SAIBA MAIS

O projeto Sexualidade: Mitos e Verdades

São quatro oficinas sobre
- DST
- Aparelho reprodutor masculino
- Aparelho reprodutor feminino
- Métodos contraceptivos

Duração
Um turno de aula, geralmente pelas manhãs

ANOTE

Contatos para agendamento
(62) 3521-1469
glauciacavasin@gmail.com

NÚMEROS

8 mil alunos de ensino médio e fundamental já tiveram oficinas

10 anos é a idade do projeto em Goiânia

Visita a museu de morfologia auxilia vestibulandos

A difícil escolha do vestibular, quando adolescentes se vêem diante da decisão do que querer ser na vida, pode ser facilitada, para aqueles que acreditam que o caminho são as Ciências Biológicas, pelo contato com ossos, peças anatômicas e fetos, de animais e seres humanos.

É que o Instituto de Ciências Biológicas (ICB III) da UFG toca, há dez anos, um projeto de extensão em que alunos dos ensinos Fundamental e Médio, de escolas públicas e particulares de Goiânia, visitam o Museu Comunitário de Ciências Morfológicas da Universidade.

Todas as sextas-feiras, das 8h às 11h, estudantes a partir do 9º ano do Ensino Fundamental têm a oportunidade de assistir a palestra com duração de 20 minutos com professores do ICB III e depois fazer uma visita guiada de uma hora no museu.

Ali há esqueletos completos de quadrúpedes, macacos e seres humanos, além de fetos e partes humanas conservadas em formol, como vísceras, membros e cabeças. Há também partes humanas conservadas em glicerina e até um corpo inteiro suspenso, que é o que mais suscita curiosidade nos alunos.

"Porque não é comum", diz a coordenadora do projeto, a professora Fabiana Ribeiro da Mata. Há casos de visitantes que, ao saber da presença do cadáver, se recusam a entrar no museu e até passam mal. "Vinculam muito à vida. Querem saber como viveu, como morreu ou chegou ali", conta.

Ela ressalta que não utilizam o termo cadáver, mas peças anatômicas. "Se fixarem-se nisso, não desvincularem da vida, não conseguem estudar". No geral, as visitas guiadas ultrapassam uma hora de duração, porque os alunos, curiosos, bombardeiam os professores com perguntas.

"É um grande incentivo ao ensino superior, aqui na UFG ou em outra instituição", diz Fabiana, emendando que o projeto também auxilia as aulas de biologia nas escolas que não contam com laboratório e cujo acesso em universidades privadas é mais difícil.

ANOTE

Para agendar uma visita
(62) 3521-1232
fabiana@icb.ufg.br

ADufrgs / Maricélia Pinheiro

Votação entre os docentes do Rio Grande do Sul

Arquivo Adufg

Apuração de votos

Cristine Cidade

Votação no Centro de Eventos da UFG

A greve

Frederico Oliveira

Manifestação artística durante a assembleia

Arquivo AdufC

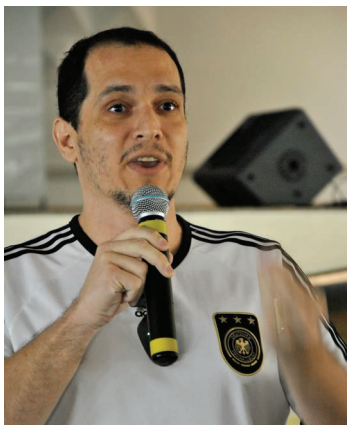
Manisfestações do estado do Ceará vai às praças

Arquivo Adufg

No dia 11 de julho de 2012 as ruas foram ocpadas pelos docentes do estado do Ceará

Cristine Cidade

Professora Ana Christina Kratz defendeu o fim da greve



Cristine Cidade

ProfessorFabrizzio Soares defendendo fim do movimento

A greve nacional dos docentes das universidades federais começou a partir do mês de maio, em diversas datas e instituições. Em Goiás, o Câmpus Catalão foi o primeiro a paralisar as atividades, em 17 de maio. Dia 11 de junho, foi a data de início da paralisação dos professores dos campi Jataí e Cidade de Goiás e, em seguida, no dia 18 de junho, após resultado de um plebiscito, os professores do Câmpus Goiânia também decidiram entrar em greve. As manifestações, assembleias, discussões e negociações permearam todo o período da greve que foi encerrada em 06 de setembro nos campi Goiânia e Cidade de Goiás e, no dia 11 de setembro, em Jataí e Catalão.

Cristine Cidade

Professor Domênico abre as discussões na assembleia em Goiânia

Arquivo Adufg

Momento de descontração na assembleia

Cristine Cidade

Professores durante votação em assembleia que encerrou a greve

Arquivo Adufg

Professores em credenciamento antes de assembleia

nas IFES

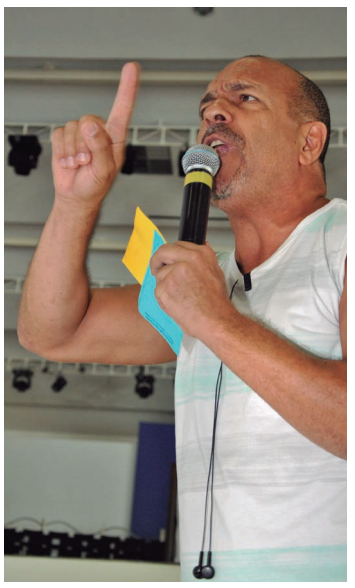
Cristine Cidade

Na chegada da última assembleia (28/08)

Arquivo ADUFMAT

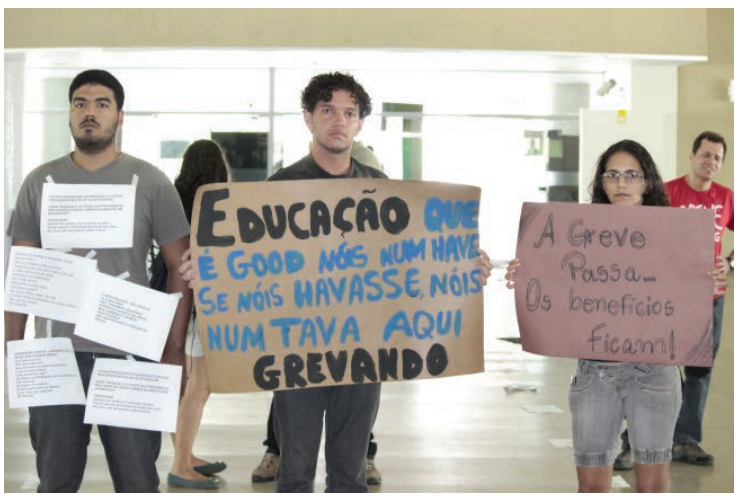
Nas ruas de Cuiabá/MT muitos docentes foram vistos na manifestação

Cristine Cidade



Professor Alcir da Silva durante a última assembleia

Arquivo Adufg



Estudantes mobilizados em apoio à greve

Arquivo ADUFMAT

Estudantes também participaram dos protestos em Mato Grosso

Cristine Cidade

Plenário da assembleia no Centro de Cultura e Eventos da UFG

Cristine Cidade

Votação em assembleia

Cristine Cidade

Professor recebe cartão de votação

Arquivo UFPR / Ufpr blog

Protesto de rua no Paraná

AÇÃO 3,17%

Professores são beneficiados por ação movida pela Adufg Sindicato

Justiça garante o direito de recebimento de reajuste residual ocorrido em janeiro de 1995, mas que até então não era aplicado

Professores da UFG sindicalizados estão recebendo o reajuste residual da ação dos 3,17%. Em 2000, a Adufg Sindicato ajuizou uma ação coletiva para que os docentes pudessem receber o montante. O valor é resultante da diferença entre o efetivamente aplicado (22,07%) e aquele realmente devido (25,95%), por força da lei 8.880/94, no mês de janeiro de 1995, bem como a condenação da UFG ao pagamento das diferenças remuneratórias devidas.

O processo demorou a ser julgado. Em 2003, a 4ª vara da Seção Judiciária de Goiás julgou procedente apenas em parte o pedido da Adufg – o pedido era para que o reajuste retroagisse a março de 1994, no entanto foi reconhecido a partir de janeiro de 1995. Apenas após sete anos o processo transitou em julgado no Superior Tribunal de Justiça (STJ). Além disso, alguns processos de execução foram objeto de embargos à execução, interpostos pela UFG, que apresentou cálculo em montante inferior ao apresentado pela Adufg – valor denominado 'incontroverso'.

Os embargos foram julgados parcialmente procedentes, o que levou a Adufg a interpor recurso de apelação para o TRF – 1ª Região. Estão sendo beneficiados, então, os professores sindicalizados que constam na lista inicial da ação, ou seja, que se encontravam filiados à Adufg na data que antecedeu a propositura da ação: 09 de outubro de 2000. (Felipe Homsi)

Arquivo Adufg

Professores da FACE acompanham apresentação da Adufg Sindicato

REUNIÕES

Participação do sindicato em conselhos promove aproximação com unidades acadêmicas

Professores aproveitam encontros para buscar informações sobre patrimônio material e simbólico da entidade

A participação de membros da diretoria da Adufg Sindicato em reuniões de conselho de cada unidade acadêmica da UFG permitiu aproximação do sindicato com professores de unidades da universidade. O objetivo inicial do projeto, que começou este ano, era apresentar a estrutura administrativa do sindicato, os principais benefícios e convênios a que os professores têm direito e as negociações de carreira e salarial com o Governo Federal.

Também nos encontros, os docentes têm a oportunidade de se filiar. Os sindicalizados também levam informações sobre o histórico, atividades, serviços e projetos da Adufg Sindicato. Os professores têm a oportunidade de aprofundar o conhecimento sobre o patrimônio material e simbólico da entidade sindical, que os representa desde a década de 70. Eles também tiram dúvidas quanto a outras negociações da carreira, plano de saúde, previdência do servidor e benefícios oferecidos pelo sindicato.

Este ano foram realizadas visitas em reuiões de Conselho da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas (FACE), na Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos, Faculdade de Educação, e em várias outras unidades durante o período da greve, de junho a agosto de 2012.

Nesse perídodo, esteve em pauta a atual conjuntura da categoria dos docentes das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), recomposição da carreira, conjuntura sindical e proposta de acordo do Governo. (Felipe Homsi)

Frederico Oliveira

Presidente da Adufg Sindicato, professora Rosana Borges, em reunião no IME

Subsede de Jataí prepara inauguração

Macloys Aquino

A Adufg Sindicato se prepara para inaugurar a subsede de Jataí no próximo mês. A meta do sindicato é ter pelo menos 150 filiados até 2013. Hoje são 71 filiados entre os 210 professores da unidade. A subsede, que fica na Unidade Riachuelo do Câmpus Jataí, conta com uma área sombreada em frente ao escritório do sindicato. Há espaço para um jardim e um playground no local, que pode servir também para os encontros dos professores. A área foi cedida pela diretoria do Câmpus Jataí no início do ano.

SEDE CAMPESTRE

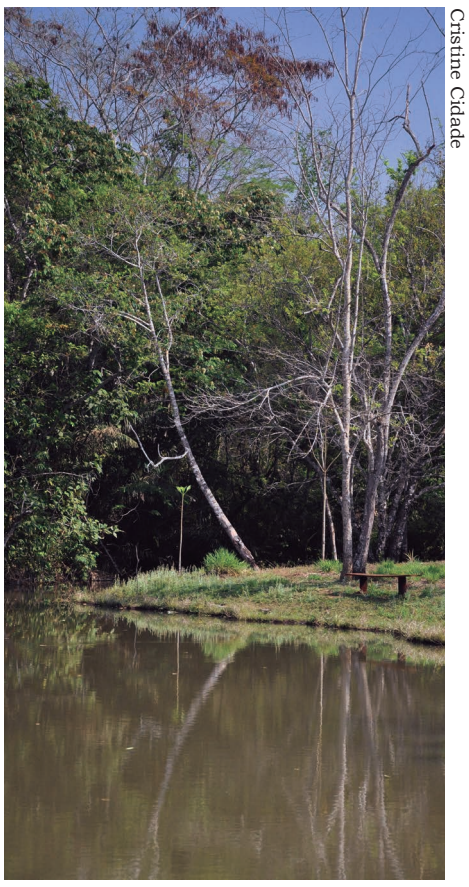
Lago já está pronto para pescaria

Para garantir a segurança e bem-estar dos professores filiados que frequentam a sede campestre da Adufg, foram realizados reparos no último mês de agosto. A passarela de acesso ao lago foi reformada e a área ganhou novos bancos. Uma tela de proteção no vertedouro do lago (*foto*) também foi instalada para evitar a saída de peixes na época de chuva. O lago está liberado para pesca, desde que seja para consumo no local.

As churrasqueiras dos quiosques também passaram por um serviço de manutenção. Todas as iniciativas visam a melhoria do local para melhor acomodar os professores e seus familiares.

Piscina

No primeiro semestre, as piscinas infantil e adulto ganharam aquecimento solar, promovendo o conforto de quem utiliza as dependências do local. Os professores e seus familiares que se hospedam nos chalés podem utilizar as piscinas no período noturno, já que a segurança também foi reforçada, com a implantação de um sistema de iluminação.



Cristine Cidade

Coralistas participam de evento nacional

Integrantes do Coral Vozes da Adufg participaram de 10 a 15 de setembro do Painel Funarte de Regência Coral 2012, evento nacional sediado em Goiânia que reuniu regentes e coristas de vários cantos do Brasil. O encontro foi programado em oficinas, cursos, paineis e apresentações. Os laboratórios e cursos foram ministrados no Centro Cultural da UFG onde os participantes, coordenados pela professora Ormezinda Gervásio, conheceram técnicas de regência e práticas de canto.

Para a professora Mary Fátima Lacerda, integrante do Coral Vozes da Adufg, "participar do Painel Funarte de Canto Coral foi muito bom. O prazer de aprender mais a ler partituras (e com rapidez), de soltar a voz e o corpo nas músicas africanas, de se relacionar com pessoas diferentes, de ver a disposição das regentes não tem preço". No último dia do encontro, os participantes encerraram as atividades no Painel

Frederico Oliveira

Apresentação na Assembleia dos professores de 21 de junho de 2012, na Faculdade de Educação

Programação

Em outubro, o Coral Vozes da Adufg se prepara para novas apresentações. No dia 11 (quinta-feira), às 19h30, a apresentação será no Encontro de Corais da Cidade de Goiás. No dia 24 de outubro, no Centro de Cultura e Eventos da UFG, está confirmada a participação no Conpeex 2012.

Aposentados definem cronograma

A 38ª Reunião do Grupo Travessia – Aposentados/Adufg, coordenada pela professora Jane Sarques (Facomb), foi realizado no último 11 de setembro, na sede administrativa, com a presença de alguns professores que estavam afastados por motivos de viagem e de recuperação de cirurgia, como Irene Siqueira e Roberto Bucci. Alegres com a volta dos colegas de grupo, os participantes deliberaram por novas datas dos encontros, viagens e confraternizações.

A partir de agora, serão realizadas uma reunião por mês, às terças-feiras, às 15 horas, e uma reunião mensal de confraternização, na segunda quinta-feira do mês, a partir das 17 horas. Os aniversários dos componentes do grupo e de seus companheiros continuarão sendo comemorados em um restaurante escolhido pelos aniversariantes, a cada três meses. O Grupo Travessia promoverá, com apoio da Adufg Sindicato, dois eventos culturais por ano: no início de dezembro a continuidade da "Exposição de Arte e Artesanato dos Professores Aposentados" e, no primeiro semestre, no mês de junho, o "Sarau dos Aposentados", realizado por professores músicos, cantores e poetas aposentados da UFG.

Para a organização e realização dos eventos, as tarefas serão divididas entre os componentes do grupo. Também ficou acertado que, caso haja número suficiente de pessoas interessadas, o grupo fará duas viagens por ano: no primeiro semestre pelo País ou pelo Estado e no segundo semestre, ao Exterior.

Frederico Oliveira

Professores aposentados posam para foto na sede da Adufg Sindicato

Confira o novo calendário

Dia 20 de Setembro - Restaurante Obelisque - Comemoração dos aniversários de Agosto e Setembro, dos seguintes colegas: Ruti e José Eduardo Macedo, Neusa Maria Galietta, Madalena C. de Melo, Marcolina Garcia, Sônia Barreto e Stênio Fredriksson, Elza Maria Staciarini, Vanda Borges, Heloisa Simon, José Garcia e Maria Auxiliadora (Cizinha) Echegaray.

Dia 25 de Setembro (terça-feira) - Reunião ordinária do Grupo Travessia, a partir das 15 horas, para aprovar planejamento e distribuição de tarefas para a realização da II Exposição de Artes e Artesanato dos Professores Aposentados da UFG, a realizar-se no início de dezembro.

Dia 11 ou 18 de Outubro (5ª feira) - Happy Hour do Grupo Travessia (confraternização), na Sede da Adufg, a partir das 17 horas. O Grupo deve excolher uma das duas datas, já que dia 11 é véspera de feriado.

Dia 30 de Outubro (terça-feira) - Reunião ordinária do Grupo Travessia, a partir das 15 horas, na sede da Adufg.

Abraão Garcia Gomes e **André Kipnis**

Tuberculose ainda é desafio para pesquisa

Identificada no século XIX, a doença não foi erradicada. Alto poder de mutação e tratamentos inadequados tornam bacilo causador mais resistente e presente do que se imagina

Cristine Cidade

Abraão Garcia Gomes entrevista o colega André Kipnis em sua sala, no IPTSP

Basta que uma pessoa com tuberculose respire num determinado local fechado para infectá-lo por horas. Quem também respirar por ali terá o bacilo alojado nos pulmões pelo resto da vida. Por isso 33% da população está infectada, apesar de apenas 5% desse total desenvolverem a doença.

Essas e outras informações sobre a tuberculose, o andamento da pesquisa e as condições do trabalho no Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública (IPTSP), da UFG, você confere nesta sessão, em que o professor Abraão Garcia Gomes escolheu André Kipnis para entrevistá-lo. "É uma linha de pesquisa com retorno fenomenal para a sociedade", justifica Abraão. Confira.

Abraão – Fale um pouco de sua trajetória, de sua formação, do tempo que está na universidade.

André – Nasci em São Paulo, me formei em Veterinária em 89. De UFG eu tenho 14 anos, mas minha trajetória desde que me formei, é trabalhando em universidades. Trabalhei na USP, depois fui para a UnB onde fiz mestrado, então estou há mais de 20 anos no ambiente universitário.

Abraão – Como foi sua trajetória como pesquisador?

André – Eu sempre gostei dessa parte de pesquisa, de Ciência. Apesar de ter feito Veterinária, fugi um pouco da maioria da turma na época, que queria atuar na área clínica, de saúde animal, de grandes e pequenos animais. Meu interesse era desenvolver animais transgênicos no Brasil, numa época que mal estava começando a ser feita nos EUA e na Europa. Comecei trabalhando com animais de laboratório, pensando em fazer animais transgênicos, mas logo vi que no Brasil essa pesquisa estava muito longe de se concretizar, tanto que hoje praticamente não existe animal transgênico feito no Brasil. Então fui para perto dos animais transgênicos, que seria a Biologia Molecular. Me interessei muito em estudar clonagem. Meu mestrado foi envolvido na produção de hormônio de crescimento suíno, fazer um hormônio de crescimento recombinante produzido por bactérias. Isso me deu bastante prática na área de pesquisa. Quando vim para Goiânia, comecei a trabalhar mais próximo de humanos, com a tuberculose. Comecei a me aproximar da doença e foi quando eu estava pensando em fazer doutorado. Eu queria fazer doutorado no exterior e adquirir novas experiências lá fora. Eu já estava com essa bagagem de biologia molecular, porém começando a trabalhar no IPTSP, que era muito ligado a doenças humanas. Então fui desenvolver uma pesquisa, um doutorado que era a tuberculose em humanos, com o modelo animal como infecção. Fiz meu doutorado nessa área e de lá pra cá eu realmente gostei muito dessa área, por que não só é um bom modelo para se estudar a doença e tentar achar estratégias para curar, erradicar esse problema mundial e nacional, como é um modelo para entender essa doença e entender a parte básica, a imunologia, a genética e a microbiologia do agente que causa essa doença.

Abraão – Você teve dificuldades do ponto de vista técnico, do ponto de vista de financiamento?

André – A dificuldade de desenvolver um animal transgênico tem varias facetas. Uma é a parte técnica, mas acho que hoje já temos todas as tecnologias para se fazer. Outra coisa é o que vemos muito em Ciência, nos editais, no fomento de apoio a esse tipo de pesquisa. Esses órgãos querem um produto final. Então quando você propõe fazer um animal transgênico, se você não mostrar resultado imediato, talvez não seja financiado. É um processo muito longo desenvolver um animal transgênico, não tem um produto imediato. Conseguir clonar um gene hoje já não dá publicação e a pesquisa está muito centrada na publicação. Publicação é o que move nossa pesquisa hoje. O desenvolvimento de animais transgênicos não permite propor projetos financiáveis. Enquanto que a tuberculose, a gente vem conseguindo vários apoios financeiros, tanto para entender a doença aqui na nossa região, a transmissão da doença, quanto para investigar a possibilidade de novas vacinas, que é o que estamos fazendo. Junto com a professora Ana Paula da Imunologia, que também trabalha com tuberculose, desenvolvemos uma vacina nova. A que existe hoje já é sabida que não protege. Existem várias estratégias de desenvolver novas vacinas para tuberculose. Uma delas que é a que estamos apostando, melhorar a BCG. Estamos fazendo uma BCG recombinante. A gente já tem uma vacina pronta, que se encontra em Nova York, sendo testada, que foi desenvolvida aqui.

"Existem várias estratégias de desenvolver novas vacinas para tuberculose. A gente já tem uma vacina pronta, sendo testada, que foi desenvolvida aqui"

Abraão – A tuberculose é uma doença muito antiga, descrita desde 1889, por Koch. Você acha que ela teve seu ápice em momentos passados ou tem muito ainda a ser esclarecida?

André – Pelo fato de ela estar com o homem há milhares de anos, o que se acredita é que ela evoluiu junto com o homem. É a relação parasita-hospedeiro: enquanto o parasita quer se perpetuar, o hospedeiro também quer. Um bom parasita é aquele que não mata o hospedeiro. A bactéria tuberculose evoluiu no sentindo exatamente de se adaptar a isso. Consegue infectar grande quantidade de pessoas, se multiplicar nelas e não mata todas, mata uma fração muito pequena. Então é um modelo para se estudar interessantíssimo, tem muito mais para se entender como consegue isso. Ainda não entendemos tudo, apesar de já termos aprendido muito.

Abraão – Esse agente, isolado, foi primeiramente identificado em humanos?

Quem é quem

Abraão Garcia Gomes – Graduado em Medicina Veterinária (UFMG), mestre em Medicina Veterinária Preventiva (UFMG) e doutor em Parasitologia (USP). É professor adjunto IV da UFG.

André Kipnis – Graduado em Medicina Veterinária (USP), mestre em Biologia Molecular (UnB) e PhD em Microbiologia pela Colorado State University. É professor adjunto IV da UFG.

André – Sim. No passado os animais eram infectados pela *Mycobacterium bovis*, é uma espécie de animal, e o homem pela microbactéria tuberculose. Antigamente, antes da genética, acreditava-se que a bactéria infectava primeiro os animais e quando o homem passou a domesticá-los, passou a se infectar por esse *M. bovis*, que então evoluiu para a bactéria tuberculose. Quando começamos a ver pelo genoma, podemos saber se o *Mycobacterium bovis* deu origem a microbactéria tuberculose. O que se provou foi que a origem é o contrário: a tuberculose é mais antiga que o "bovis". Essa é a sequência da evolução que temos hoje.

Abraão – Hoje temos casos humanos por tuberculose "bovis". É a mesma patologia? Se expressa de uma maneira semelhante, no ponto de vista clínico?

André – O *Mycobacterium bovis* tem uma transmissão um pouco diferente. Pode ser transmitido por via aérea e pelo leite. O homem, quando se infecta com *M. bovis*, geralmente se infecta pelo leite. Isso no passado era mais frequente. Então, quando se infecta pela via oral, a manifestação clinica é mais intestinal. Você tem uma manifestação clínica diferente. Acontece então um problema na nossa região, que é o diagnóstico para tuberculose e mais sério ainda para tuberculose zoonótica. Nossos laboratórios não estão preparados para diagnosticar tuberculose bovina. Existe uma diferença em como diagnosticar.

Abraão – E os quites diagnósticos hoje, são desenvolvidos para o diagnostico da tuberculose?

André – O diagnóstico da tuberculose se baseia nos princípios de Koch: identificar o agente na mostra clínica. No escarro você faz um esfregaço, uma microscopia óptica com uma coloração específica e vê o agente. Só que é pouco sensível. Metade das pessoas com tuberculose não é diagnosticada com esse método. O teste clínico como alternativa demora em media 30 dias para ser diagnosticada. Então você tem muitos falsos negativos da microscopia e você poderia recuperá-los pela cultura. Mas ninguém pede, então eles ficam realmente sem diagnóstico, fica na mão do clínico tomar a decisão. O tratamento apesar de ser eficiente, é um pouco pesado. É a combinação de quatro antibióticos com efeitos colaterais. Tem que ser tomado durante seis meses. É uma decisão difícil que o paciente vai ter que assumir. O governo paga todo o tratamento, não tem um custo financeiro, mas tem um custo físico, muito efeito colateral, enjôo, pode causar problemas nos rins, a pessoa tem um desconforto. Apesar de ser um tratamento eficaz e gratuito, tem uma grande taxa de abandono. A pessoa que tomou e parou vai reativar a infecção e vai passar a disseminar uma bactéria resistente. Esse é mais um dos problemas do controle da tuberculose.

"A pesquisa no Brasil tem criatividade. Nos EUA isso se perde. Eles são muito objetivos, não permitem desviar o foco, no sentido de ser criativo. São muito certinhos e perdem o devaneio, que é importante"

Abraão – Ele não sara e além disso vai transmitir uma bactéria resistente...

André – Uma pessoa doente consegue transmitir muitos bacilos no ar. Aquele ambiente onde ela transmite fica por horas no ar, aquele ar fica infecto, as pessoas respiram bactéria. A bactéria se aloja no pulmão e um terço das pessoas expostas, ficam com a bactéria viva para o resto da vida. Dessas pessoas que se infectam somente 5% desenvolvem a doença. Ficam com tosse, perda de peso, febre, que se não tratar, morre. Então esses 5% que desenvolvem a doença são os que transmitem novamente. Os 95% que não se manifestam a parcela, vão desenvolver a doença também ao longo da vida.

Abraão – Pessoas idosas podem ter adquirido antes a tuberculose e uma vez que a resistência cai... Mas por outro lado podem também estar viajando e se contaminar e desenvolver a doença?

André – Sim. Todos somos suscetíveis. Não ficaram claras algumas maneiras de se controlar a doença. Uma é diagnosticar e tratar. A outra seria prevenir, que seria a vacina. A vacina existe e é a vacina mais usada no mundo, chama-se BCG, todo mundo no Brasil toma essa vacina. O problema é que não protege adultos, protege apenas crianças. E não adianta revacinar, ela não volta a ter proteção em adultos. É difícil você pegar uma pessoa doente e dizer se ela está com uma infecção recente ou com uma reativação de uma infecção antiga. Molecularmente a gente pode tentar responder isso.

Abraão – Quais são as pessoas hoje de maior risco?

André – A tuberculose está muito associada a questões nutricionais. Como não existe uma vacina eficiente, a melhor maneira de se prevenir é manter uma alimentação saudável. Ela está realmente associada com condições de poder aquisitivo e sanitárias baixas, onde há indivíduos mais suscetíveis. Você olha o Brasil nos últimos dez anos e começa a ver uma tendência de queda. O que está por trás disso é a melhoria de condições de vida, melhorias na alimentação, condições de higiene, mais acesso à saúde. No fim é realmente isso.

Abraão – Durante sua trajetória, viu que é difícil trabalhar com pesquisa no Brasil. Você que teve a experiência de fazer o doutorado no Colorado (EUA). Que perspectiva você vivia lá e qual você vive aqui?

André – Temos alguns lados muito otimistas em relação à pesquisa no Brasil. A pesquisa no Brasil prepara os alunos para ter certa autonomia e criatividade, que lá fora, nos EUA, ela se perde. Eles são muito objetivos, no fazer e no desenvolver deles. Essa objetividade, ou talvez essa educação, não permite que se desvie um pouco do foco. Quando eu falo desviar, eu falo de perguntas criativas, diferentes. A gente fala que eles são meio bitolados, muito certinhos e acabam perdendo o devaneio, a criatividade, que para a pesquisa, para a ciência, é muito enriquecedor. O Brasil está caminhando para isso. A anulação dessa criatividade, quando metas e prazos são estabelecidos, isso acaba restringindo a capacidade criativa da pesquisa. E se o pesquisador não tem essa liberdade, acaba influenciando no resultado. O Brasil tem um potencial muito bom, temos hoje uma verba na pesquisa nunca vista antes, até maior que em outros países da Europa. Claro que temos que melhorar, temos nossos limites, mas sempre queremos mais. O potencial existe, mas o que a gente sente é que estamos amarrados por questões burocráticas, espaços físicos.

Abraão – Você tem um projeto de pesquisa de ponta, com tecnologia avançada. São caras as ferramentas?

André – São caras, mas temos tido bons financiamentos, principalmente do CNPq e da Fapeg, que permitem a gente comprar o que precisa. Só não compramos mais equipamentos porque não temos onde colocar. Reagentes e insumos temos à vontade. Agora temos o cuidado de fazer com que os alunos percebam como é difícil arrumar esses financiamentos para manter o nível de laboratório que temos. E que é dinheiro público, que alguém está pagando para a gente ter e nem por isso vai desperdiçar material. Temos que ter a consciência para utilizar bem estes recursos. Isso aqui tem dono: é a população do Brasil.

Cristine Cidade

Professores Abraão Gomes e André Kipnis: otimismo com a pesquisa no Brasil

Considerações do entrevistador

"A entrevista atendeu aos objetivos, que é mostrar para a sociedade um professor entrevistando seu colega, para conhecer seu trabalho e divulgar para a comunidade universitária. O professor deu dados importantes sobre a doença, como ela evolui, que classes sociais estão mais vulneráveis e os cuidados, para que possamos minimizar os males que a doença provoca".

Abraão Garcia Gomes

Do campo ao escritório

Susana e Suelen estudaram na roça até conseguirem entrar na turma de Direito da UFG para beneficiários da reforma agrária. Querem defender trabalhadores rurais

Quando crianças, Suelen e Susana Ferraz acordavam todos os dias às 4 horas da manhã. Tomavam rápido um leite com café forte e, no lombo do burro, gastavam quase uma hora até a igrejinha. Ali, uma caminhonete as esperava, para juntá-las a outras crianças e levá-las até a escola primária de Guaraíta, a 8 km da Cidade de Goiás, oeste do Estado. A rotina de morar e trabalhar na roça, além de estudar, durou até fim do mês passado, quando as irmãs tornaram-se bacharéis em Direito pela UFG.

Filhas de agricultores, elas são duas dos 54 graduados na primeira turma de Direito para beneficiários da reforma agrária e agricultores familiares do País, no Câmpus Cidade de Goiás. Hoje com 24 e 23 anos, Suelen e Susana colaram grau no dia 11 de agosto passado, junto do tio João Denes Ferraz. Todos são filiados ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guaraíta e, assim que se formaram, montaram um escritório de advocacia em Itapuranga.

João Denes foi um dos 12 alunos da turma a conseguir aprovação no último exame da OAB. Suelen e Susana são estagiárias no escritório. "Vamos lutar para defender a nossa classe, de trabalhador rural", avisa Suelen, porque "ninguém melhor que quem vive isso para defendê-los". A expansão da agricultura na região – principalmente de cana-de-açúcar – deve garantir a clientela.

"Os usineiros não respeitam e os trabalhadores não conhecem seus direitos. E quando procuram, o advogado não conhece a demanda, porque o curso de Direito é elitizado", constata. Fator que levou Suelen e toda a turma especial (de 60 alunos) a sofrer preconceito na universidade, principalmente por parte de estudantes. "Os olhares eram diferentes. Chamavam de turma do MST. Achavam que éramos baderneiros, que não nos vestíamos bem".

Hostilidade que também veio dos próprios companheiros. Certa vez, um militante do MST suspeitou de Suelen, afirmando que ela "não tem cara de trabalhadora rural, não tem pele manchada, não tem calos nas mãos". "Eu disse pra ele que hoje o trabalhador rural se cuida, usa protetor solar, cuida da pele e, quando vai na cidade, não precisa ir vestido como trabalhador rural".

Com o tempo, alunos do curso regular passaram a interagir. "E viram que queríamos era democratizar a universidade, que é pública", afirma.

Fotos: Arquivo Pessoal

Suelen Ferraz quando criança: infância e fase adulta vividas na zona rural de Guaraíta, em Goiás

Resistência

O curso especial enfrentou resistência desde a sua criação. Não só da parte de estudantes, mas de professores do Direito, de entidades ligadas à agropecuária e à indústria, e do Ministério Público Federal (MPF), autor de uma ação que pedia ilegalidade do curso.

Quando a proposta para criação da turma começou a se estruturar na UFG, em 2006, o então presidente da Associação Pró-Desenvolvimento Industrial do Estado de Goiás (Adial), o hoje senador Cyro Miranda (PSDB), falou, em nome do Fórum Empresarial, que a iniciativa era um "disparate". "Quem é a UFG para dar aulas para o MST? Vão ensinar como invadir terras? Algum dos professores possui alguma propriedade?", declarou ao jornal *O Popular*, em maio de 2006. E disse que acionaria a Justiça.

No último dia 24 de agosto, o Tribunal Regional Federal da Primeira Região (TRF 1ª) acatou, por unanimidade, as apelações do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e da UFG contra sentença da Justiça Federal de Goiás favorável ao MPF. O argumento da procuradoria era que a criação do curso violaria o princípio da igualdade, ao privilegiar um grupo determinado de pessoas.

Ocorre que o próprio MPF, também em 2006, havia reconhecido a regularidade do curso no âmbito do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera), do Incra, cuja missão é garantir escolarização a assentados. Foi o que levou a Justiça Federal a extinguir o processo.

Informado da decisão, o senador Cyro Miranda disse ao **Jornal do Professor** que o contexto naquela época era outro. "Como vou falar de coisa sete anos depois?", declarou. (*Continua na próxima página*)

Susana e Suelen na roça, onde moravam com os pais, e anos depois, na colação de grau: "Hoje o trabalhador rural se cuida, usa protetor solar, cuida da pele"

Continuação da página 10

Arquivo Pessoal

José do Carmo (esquerda), coordenador da Turma Evandro Lins, entrega diploma durante solenidade de formatura

Dificuldades surgiram também na sala de aula

A universidade cumpriu sua missão e o Estado, a promessa constitucional do direito à educação. É esse o entendimento do professor José do Carmo Alves Siqueira, coordenador da turma de Direito para beneficiários da reforma agrária e agricultores familiares. Carmo fala com empolgação da colação de grau dos 54 bacharéis do campo. A realização vem do desafio de enfrentar a resistência dentro da universidade, de entidades de classe e de alunos, contrários à turma.

Mas não só: dificuldades surgiram também dentro de sala de aula. Os alunos da turma especial, no geral, tinham deficiências de formação básica. "Sabíamos disso", diz o coordenador, que logo no início do curso, organizou um núcleo livre de leitura e produção de texto. "Eles não tinham dificuldades para manifestação oral, mas na escrita...", conta. Mas o fato de ter gente mais madura e politizada, acredita o coordenador, qualificou o curso.

"Eles não tinham dificuldades para manifestação oral, mas na escrita..."

Para ingressar, os alunos tiveram que, antes de fazer o vestibular, provar o vínculo com a terra. Dos 600 inscritos de todo Brasil, 200 conseguiram provar esse vínculo. Diferente do vestibular regular – em que candidatos fazem provas de exatas, humanas e biológicas – a prova para turma especial teve apenas uma etapa: eram 20 questões de história do Brasil, de Goiás e dos movimentos sociais do campo, além da redação.

Sessenta foram aprovados, numa turma com alunos de 19 estados brasileiros. Cinquenta e quatro formaram-se. Quatro abandonaram e dois ainda tem pendências acadêmicas. "Havia todos os sotaques, não existe outro curso com essa diversidade", diz José do Carmo. O curso é o mesmo ministrado em Goiânia ou na Cidade de Goiás. A única diferença é o calendário acadêmico, que é comprimido para três meses e os alunos passam a ter aulas em período integral.

"O Pronera (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, ao que o curso é vinculado) prevê uma pedagogia da alternância, com mais movimento", diz José do Carmo. Mas ressalta: "A constituição de turmas como essa não deve ser indiscriminada, porque exige mais comprometimento pedagógico", afirma. O Incra já firmou convênios com a Universidade Estadual de Feira de Santana, na Bahia, para um curso semelhante ao da UFG.

Fácil

A recém-formada Suelen Ferraz diz não ter tido dificuldade para levar o curso. Ela havia acabado de ser aprovada para Letras na Universidade Estadual de Goiás (UEG) de Itapuranga, quando soube do edital para a turma especial na UFG. Juntou a papelada, provou ser filha de agricultores familiares e fez um cursinho pago pelo sindicato rural da cidade.

CATALÃO

Pesquisa pode revelar mudança de percepção do servidor com a greve

Paralisação deve alterar resultados de estudo que analisa valores culturais. Trabalho será apresentado em maio de 2013

A greve das universidades federais, uma das maiores da história do País e que também atingiu a UFG, mudou a forma como os professores entendem a própria carreira, o instituto da promoção, o atendimento aos alunos, além da relação com a gestão da universidade e com a comunidade. A maneira como isso se deu poderá ser verificada a partir dos resultados da pesquisa "Valores culturais e sua relação com os estilos de funcionamento das organizações em instituição de ensino superior", coordenada pelo professor André Vasconcelos da Silva, do Câmpus Catalão.

André, que é doutor em Ciências do Comportamento pela UnB, não estuda necessariamente a greve e seus efeitos. Seu trabalho – que tem participação dos professores Gleiber Couto, Vagner Rosalem e Paulo Alexandre de Castro – analisa a percepção do servidor sobre sua própria realidade. Ocorre que a greve estourou durante a coleta de dados, o que gera "uma alteração, uma tensão nessa realidade, mudando a forma de entender, resignificando os dados", diz. As alterações se dariam no estilo de funcionamento organizacional.

"Os choques e seus reflexos na concepção de Educação no País são um fenômeno muito interessante, mas muito delicado"

"São valores organizacionais. Não existe a cultura da UFG. Existem dentro da organização vários nichos culturais em constante confronto. São sistemas de crenças e valoração que os indivíduos aderem não conscientemente", explica. Os sistemas de crenças só se perpetuam no confronto e o acirramento das tendências políticas com a greve (entre professores ligados ao Andes-SN e ao Proifes) intensificou o processo de transmissão e aquisição de preceitos e valores.

Outros fatores também geraram essa alteração da percepção. "A greve, o Reuni, a discussão do estatuto da universidade, tudo isso gera mudanças", amplia. A pesquisa de André, que teve início no ano passado e conta com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg), tem um objeto mais amplo: tenta entender a percepção dos servidores sobre a cultura, as formas de gerência e funcionamento da instituição e sobre a saúde na organização.

Servidores da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e dos Institutos Federais de Educação em Goiás também estão sob análise e serão submetidos à comparação.

Gestão

Os efeitos da greve, suspeita André, poderão ser detectados na percepção sobre aspectos de gerência da universidade. "Durante o movimento de greve as pessoas envolvidas buscam responsabilizar alguém, a figura do gestor, um coordenador, chefe de departamento, as próprias entidades envolvidas", diz.

Desperta interesse no professor as possíveis diferenças de percepção quanto à administração da universidade a serem identificadas entre os servidores do Câmpus Catalão, que antecipou a deflagração da greve, e o de Goiânia, que retardou. "Será possível reparar se houve uniformidade. Deve haver variação", reflete, ressaltando que também a percepção sobre a história das entidades sindicais deve ter variações.

A primeira parte do trabalho será encerrada até março de 2013, quando será realizado um seminário com a presença de gestores e servidores das instituições estudadas (UFG, UEG, IF Goiano e IF Goiás).

Sobre resultados relacionados à greve, André Vasconcelos esforça-se para evitar que o seminário adquira caráter político. Dada a fluidez de limites entre o objeto da pesquisa (cultura) e a política, que também é uma característica cultural (porque interpreta a realidade), a cautela é redobrada.

"A situação da greve me chama muito atenção, porque mostrou práticas culturais em movimento, como grupos se organizam para fazer certas crenças serem implementadas e como buscam adesão de novos indivíduos, uma forma de se garantir o poder. Os choques e seus reflexos na concepção de Educação do País são um fenômeno muito interessante, mas muito delicado", reitera.

Sentimento de ‘colonizado’

Professores reclamam de más condições de trabalho e de falta de autonomia para resolver seus próprios problemas

Problemas de infraestrutura, déficit de técnicos administrativos e escassez de recursos são parte do cotidiano da universidade pública brasileira. Mas entre os professores do câmpus da UFG de Jataí há um agravante. Um problema de autoestima – efeito da falta de autonomia financeira e da dependência burocrática em relação ao Câmpus Goiânia – que criou entre a turma uma sensação de “colonizados”.

“Tem essa sensação, de que a elite fica em Goiânia e o resto, no interior”, desabafa Edésio Fialho dos Reis. Titular do departamento de Genética e Melhoramento de Vegetal, em Jataí, o professor relata dificuldades para comprar material para suas pesquisas. “Todos os pedidos são feitos a Goiânia. Sempre esperamos que lá resolvam nossos problemas”, reclama. “É um erro, porque muita gente aqui produz mais que na capital”.

O protesto de Edésio ecoou entre outros 40 professores do câmpus de Jataí, que em agosto passado expuseram problemas semelhantes durante reunião da diretoria da Adufg Sindicato com filiados da cidade. A sensação de distanciamento com o corpo diretivo, com fóruns deliberativos e órgãos da UFG perpassou os discursos. Professores denunciaram um excesso de carga horária que varia entre 14 e 16 horas/aula semanais (quando a LDB estabelece 8 horas/aula), o que prejudica atividades de extensão e de pesquisa.

Houve reclamações também sobre a falta de autonomia financeira da unidade de Jataí. A professora Luciana Aparecida Elias, da Matemática, disse que os R$ 7 milhões destinados por ano chegam comprometidos com pessoal, e que pouco ou quase nada sobra para investimentos no câmpus. Deste montante, R$ 4 milhões seriam gastos com terceirizados. E que o orçamento do câmpus – com 23 cursos de graduação e mais quatro de pós – seria de R$ 600 mil.

Fotos: Macloys Aquino

Professoras Luciana Elias e Alessandra Viu durante reunião em Jataí

“Do ano passado para cá, de agosto a agosto, 20 professores foram embora. Por quê?”, questiona Antônio Paulino da Costa Netto, da Biologia. “Existe uma caixa preta do Reuni, sobre a distribuição e alocação dos professores, que precisa ser aberta. Ou o professor só será valorizado quando for embora?”, reclama.

Antônio Paulino Netto: indignação

Sucateamento

Alessandra Feijó Viu, da Escola de Veterinária, assiste, impotente, ao lento processo de sucateamento de equipamentos no laboratório de anatomia vegetal, onde trabalha. Uma estufa, por exemplo, foi adquirida pela universidade há quase dois anos e, desde então, enferruja sobre uma bancada do laboratório, num prédio com sérios problemas elétricos e principalmente hidráulicos.

Goteiras provocadas pelas chuvas do início deste ano comprometeram parte da mobília e dos computadores usados nas pesquisas. As infiltrações permanecem até hoje, mesmo depois de Alessandra ter protocolado reclamação na diretoria do campus. Em sua avaliação, o que existe é um problema de gestão.

“Passei todas essas informações no início do ano. Até agora nada foi feito”, lamentou, enquanto mostrava à reportagem do **Jornal do Professor** fotografias que ela fez com o próprio celular e anexou aos documentos encaminhados à diretoria. “Goiânia não tem conhecimento de como a gente sobrevive aqui. Porque não vivemos, sobrevivemos”, ressalta.

Alessandra disse que a proposta governamental para por fim à greve da categoria não levou essas demandas em consideração. “Nada disso é contemplado na proposta”. Ela teme que os novos critérios de avaliação para ascensão de níveis sejam aplicados nestas condições. “Temos medo de ser avaliados sem as mesmas condições de trabalho (de Goiânia)”.

Todas as informações dos professores foram colhidas pela presidente da Adufg Sindicato, Rosana Borges, durante reunião do sindicato na cidade, no último dia 22 de agosto. As demandas tornaram-se pauta de reivindicação durante reunião da diretoria do sindicato com a reitoria da UFG (*confira reportagem na próxima página*).

Estufa nunca usada enferruja no laboratório de anatomia vegetal

Reitor recebe sindicato para discutir situação de Jataí

Edward Madureira reconhece existência de problemas, mas ressalta melhorias adquiridas aos campi depois do Reuni

Cristine Cidade

Reitor da UFG, Edward Madureira, recebe diretores da Adufg

Uma semana depois do encontro com sindicalizados de Jataí, a diretoria da Adufg Sindicato reuniu-se com o reitor da UFG, Edward Madureira, e com o pró-reitor de Administração e Finanças, Orlando Afonso Valle do Amaral, para discutir, além de outros assuntos, as condições de trabalho dos professores da cidade. "É necessário fazer uma conversa mais próxima com professores de Jataí. A Adufg quer mediar isso, são todas questões sindicais", disse a presidente do sindicato, Rosana Borges, no início da reunião, na reitoria da UFG.

Edward considerou todos os pontos de reivindicação, mas ressaltou: "Devemos reconhecer que há pesquisadores mais competitivos em Jataí que em certas unidades de Goiânia. O que significa que não estariam isolados". Orlando afirmou que "são professores novos, que tem qualificação e naturalmente querem melhores condições. Mas quem conheceu o câmpus há cinco anos atrás sabe da diferença".

Orlando também reconhece o distanciamento enfrentado pelas direções dos campi no interior, onde, segundo ele, há menos oferta de mão-de-obra e menos empresas sediadas, o que dificulta parcerias. Mas disse que essas dificuldades devem ser vistas "sob perspectiva".

"As condições hoje são infinitamente melhores que antes, que eram muito mais precárias. Com o Reuni, foi possível atender de forma razoável estes campi", afirmou. Mas ressalta: "É claro que temos demandas reprimidas. O programa não resolve tudo".

Orlando informou que parte das dificuldades estruturais enfrentadas em Jataí se deve a problemas com a empreiteira contratada para as obras na unidade. A empresa, segundo ele, não cumpriu exigências técnicas. "Não cumpriram termos do contrato e prazos". Isso teria, segundo o pró-reitor, atrasado as obras.

Crônico

Quanto à relação aluno/professor e carga horária, o reitor disse tratar-se de problema crônico da UFG, mas que a média em Goiás (segundo ele, de 12 horas/aula) é menor que a média nacional. "Outro problema crônico é a oferta de disciplinas comuns para cursos distintos", disse Edward, acrescentando que o problema é tema de discussão do estatuto da universidade.

Sobre a evasão de professores, o reitor disse ser necessário considerar que a mobilidade se deve à intenção de alguns profissionais de fazer "trampolim". "Às vezes não é uma questão de evasão. Apesar de o índice de titulação dos professores de Jataí ser proporcionalmente menor que o de Goiânia, eles tem quadros melhores que unidades da capital", ressaltou.

Autonomia

Quanto à autonomia do Câmpus Jataí, o reitor disse tratar-se de uma decisão política do Executivo federal, e não da UFG. "A reitoria não se oporia a isso. Mas enquanto não acontece, o que fazemos de forma concreta é dar maior autonomia aos campi, para que possam ter instâncias deliberativas locais e diminuir a dependência", emendou Orlando.

O pró-reitor acrescentou que o Câmpus Jataí, como todos os outros campi do interior, tem autonomia orçamentária. "O que não está descentralizado é a contabilidade". É que todos os processos de pagamento são canalizados para o departamento de contabilidade – para emissão de empenhos – em Goiânia. Jataí, informou, ainda prepara suas próprias licitações, como já ocorre em Catalão, por exemplo.

O reitor se colocou à disposição para uma visita ao Câmpus Jataí, acompanhado da diretoria da Adufg Sindicato.

Força tarefa para destravar mandados de injunção

O reitor Edward Madureira garantiu à diretoria da Adufg Sindicato instaurar uma força tarefa para destravar processos paralisados de mandados de injunção. A paralisação dessas ações prejudica principalmente professores aposentados e aqueles em via de se aposentar. Os mandados representam a contagem do tempo de serviço computando a insalubridade, o que diminui o tempo para a aposentadoria. Edward prometeu destravar pelo menos 40 processos por mês. "Com o fim da greve dos servidores, devemos andar nessa marcha", projetou.

40

processos de mandados de injunção serão destravados por mês, é a promessa

Edward também anunciou a criação, na UFG, do Sistema Integrado de Saúde do Servidor (SIASS), que terá uma junta médica exclusiva para realizar exames periódicos e de rotina em todos os professores. O sistema, já aplicado em outras universidades federais, não é vinculado à Unimed. "Também estamos fazendo termo de referência para mapear áreas de insalubridade e periculosidade na UFG", acrescentou o reitor. O plano, segundo Edward, inclui contrato com empresa privada para ajudar no mapeamento de todos os professores que trabalham com periculosidade.

O Vice-presidente da Adufg Sindicato, José Nerys, disse que, na Escola de Engenharia, apenas um dos 48 professores recebe periculosidade. Edward reconheceu que há "injustiças". "Professores que recebem (periculosidade e insalubridade) sem ter, e gente que não recebe, tendo", disse.

CINE UFG

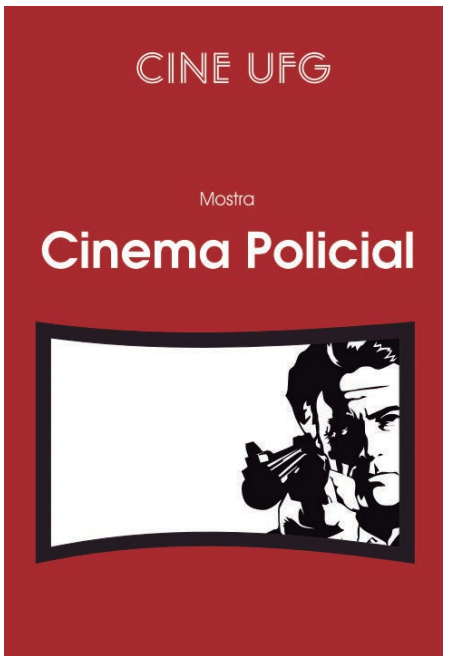
Mostra policial homenageia EUA

Dos 17 filmes da programação, 15 são norte-americanos; cinco trazem Dirty Harry, de Clint Eastwood

A mostra de cinema policial do Cine UFG, que começou no último dia 13 de setembro e se estende ao dia 3 de outubro, homenageou a produção estadunidense. Dos 17 títulos, 15 são americanos. Cinco deles trazem Dirty Harry, o personagem que consagrou Clint Eastwood no gênero – "Perseguidor implacável", "Magnum 44", "Sem medo da morte", "Impacto fulminante" e "Dirty Harry na lista negra".

O próprio folder de divulgação da mostra traz Harry Callahan, o Dirty, apontando o berro para o espectador: sua companheira Smith & Welson .44 Magum. "Os americanos criaram o gênero. E não temos nenhum preconceito com os filmes americanos", explica o curador e coordenador das mostras no Cine UFG, o professor da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb), Lisandro Nogueira.

"Queríamos mostrar os filmes de Clint Eastwood, um renovador do filme policial. Além de Brian De Palma e outros bons cineastas", diz. Apenas dois títulos são franceses: "Acossado" (Jean-Luc Godard, 1960) e "Agente triplo" (Eric Rohmer, 2004). Foi nos EUA e na França, nos anos 30, que houve o surgimento do gênero, que tentou captar as mudanças da vida social que ocorreram com o surgimento das grandes metrópoles.



Divulgação

"Nas grandes cidades os conflitos se tornam complexos, misteriosos. As ações acontecem sempre à noite. Por isso, os filmes são carregados de sombras, da lua, da iluminação pública. Há sempre alguém observando o 'outro'", diz Lisandro, que é mestre em Cinema e Televisão pela Escola de Comunicação e Arte (ECA/USP), doutor em Cinema e Jonalismo pela PUC-SP e professor de Cinema na UFG desde 1989.

A curadoria ficou atenta à cobertura temporal do cinema policial: há do clássico "O falcão maltês" (John Huston, 1941) até o recente "Miami Vice" (Michael Mann, 2006). "O mais importante é ver primeiro os clássicos na mostra e depois abarcar, através do gosto cinematográfico, os sub-gêneros. Por isso, procuramos mostrar filmes dos anos 40 até os mais recentes. O público tem a oportunidade de ver obras com certa cronologia", diz Lisandro.

Argentina

A próxima mostra do Cine UFG será um painel sobre o cinema argentino. "São bons e, para além do futebol, são hermanos que fazem um cinema de ótima qualidade", informa o curador.

As sessões ocorrem às 12 horas e às 17h30, de segunda à sexta-feira. Professores filiados retiram grátis o ingresso na sede da Adufg Sindicato. Estudantes conseguem convites na própria bilheteria do Cine UFG, de segunda à sexta-feira, das 10 horas às 11 horas e das 15 horas às 16 horas, com a carteirinha do RU.

"O gênero é abrangente e as pessoas classificam os filmes"

• Você acredita que o gênero nasceu com "Édipo Rei", a primeira grande investigação das representações humanas?

Lisandro - Talvez antes: as narrativas do Antigo Testamento carregam no mistério, na observação do mundo. Mas o marco são os romances ingleses "negros" do século 17.

• O interesse pelo gênero se compara àquele que dá audiência a programas de reportagens policialescas?

Lisandro - Não. Nessa mostra procuramos mostrar todos os matizes do gênero. Tanto que temos "Miami Vice". Mas esses filmes estão distantes do tom das reportagens sensacionalistas.

• Como o termo "policial" abarcou toda a categoria sobre tramas investigativas?

Lisandro - O clássico do gênero é "Falcão maltês – Relíquia Macabra" (que também está na mostra). O fato é que o gênero é abrangente e as pessoas acabam querendo classificar os filmes. O mais importante é ver primeiro os clássicos na mostra e depois abarcar, através do gosto cinematográfico, os sub-gêneros.

QUESTÕES LINGUÍSTICAS

O carimbo da corrupção

Professor da Faculdade de Letras comenta como o uso do termo 'mensalão' se tornou objeto de disputa

O Brasil assiste atônito ao julgamento da ação penal 470, processo que tramita no Supremo Tribunal Federal (STF), resultado daquele que ficou conhecido pela mídia como o maior escândalo de corrupção já flagrado na história da república brasileira: o "mensalão". As primeiras condenações começam a surgir, mas o termo, no entanto, já traz consigo um significado de culpa, algo de depreciativo, e assim é usado correntemente.

Essa é uma leitura possibilitada pelo linguista Alexandre Ferreira da Costa, doutor em Linguística Aplicada pela Unicamp e professor da Faculdade de Letras da UFG. Costa – que atua na formação de professores e estuda a nova ordem de discurso da educação nacional, além das práticas religiosas brasileiras da modernidade tardia – havia produzido a análise para outra publicação e gentilmente cedeu as considerações ao **Jornal do Professor**.

Penso que o termo "mensalão" seja fruto de um fenômeno linguístico-discursivo muito recorrente na língua portuguesa. Transforma-se em nome toda uma cadeia de processos verbais, com a marca do sufixo de aumentativo para enfatizar proporção e efeito. É obviamente depreciativo. Em uma perspectiva mais funcionalista da Análise do Discurso, se trataria de uma lexicalização: por derivação gramatical e conotação, um nome já existente (mensal) ressignifica uma ação já nomeada (a corrupção).

Assim, por um lado, o termo "mensalão" é semelhante a nominalizações comuns como a que está na própria palavra "corrupção" ou em outras como "empurrão". Por outro, equivaleria ao famoso "maracanazo", usado até hoje pelos uruguaios para referir a vitória de sua seleção de futebol sobre a brasileira na copa de 1950, signficando em "vitória em pleno Maracanã" (com tudo que isso significava na época). O exemplo em espanhol, de data mais remota e de derivação gramatical e morfológica um pouco diferente, é útil para entender que se trata de um processo linguístico amplo, profundo e arcaico.

O uso e os efeitos de sentido da palavra "mensalão" dependem dessa cadeia textual que governa o reaparecimento do termo, sobretudo no discurso jornalístico e nas suas refrações para o cotidiano. A aposição das expressões genitivas – espécies de caracterizações metonímicas de posse ou origem – "do partido tal" (PT ou PSDB) ou "do Estado tal" (mensalão de Minas Gerais) – demonstra que a associação da desqualificação que a palavra carrega tem sua aplicação em disputa. É tentativamente usada e direcionada por e para diferentes agrupamentos políticos.

*É interessante observar que a força da disputa política se transfere também para o processo linguístico. É possível que, em contextos bastante diferentes, se produzam novas conotações. Por exemplo, um filho pode pedir a "mesada" ao pai, usando o termo: "Me dá o mensalão aí, pai". E o mesmo valeria para qualquer tentativa de 'cobrança' que seja indicada ironicamente ou jocosamente: "Opa, hoje é o dia do 'mensalão'!" (para dia do pagamento salarial). (***Alexandre Ferreira da Costa***)*

Doses homeopáticas de sonhos

Miguel Jorge, professor aposentado da Faculdade de Farmácia, lança sexto romance

Carlos Drummond de Andrade era farmacêutico. Formado em Minas Gerais, não chegou a exercer a profissão. Mas os conhecimentos vindos dos remédios, drogas e venenos estão presentes em seus poemas. Miguel Jorge também formou-se no mesmo curso em Minas e foi professor da Faculdade de Farmácia da UFG, de maio de 1961 a junho de 1990.

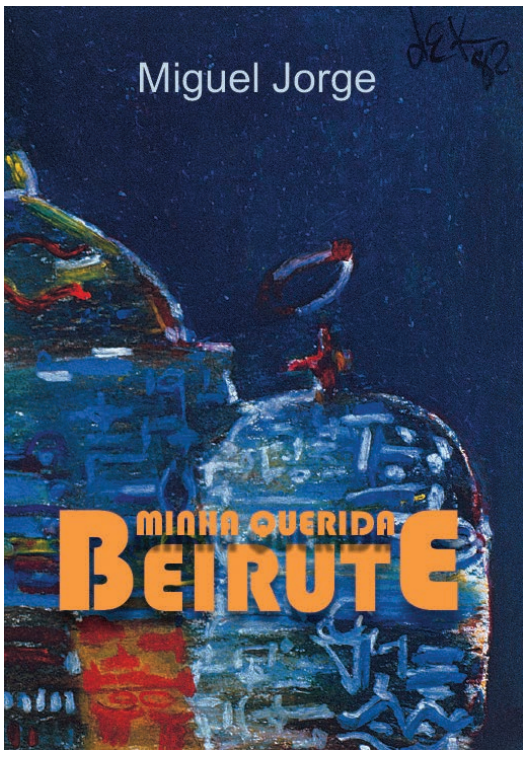
"A Farmácia me deu muito para as artes", diz Miguel. "Quando eu escrevia e trabalhava na faculdade, escritores me perguntavam se eu tirava inspiração dali, das máquinas de fazer remédio. E eu tirava. Escrevia entre uma aula e outra", conta rindo. "Tudo depende de sua criatividade, da maneira como você vê o mundo, se envolve nele".

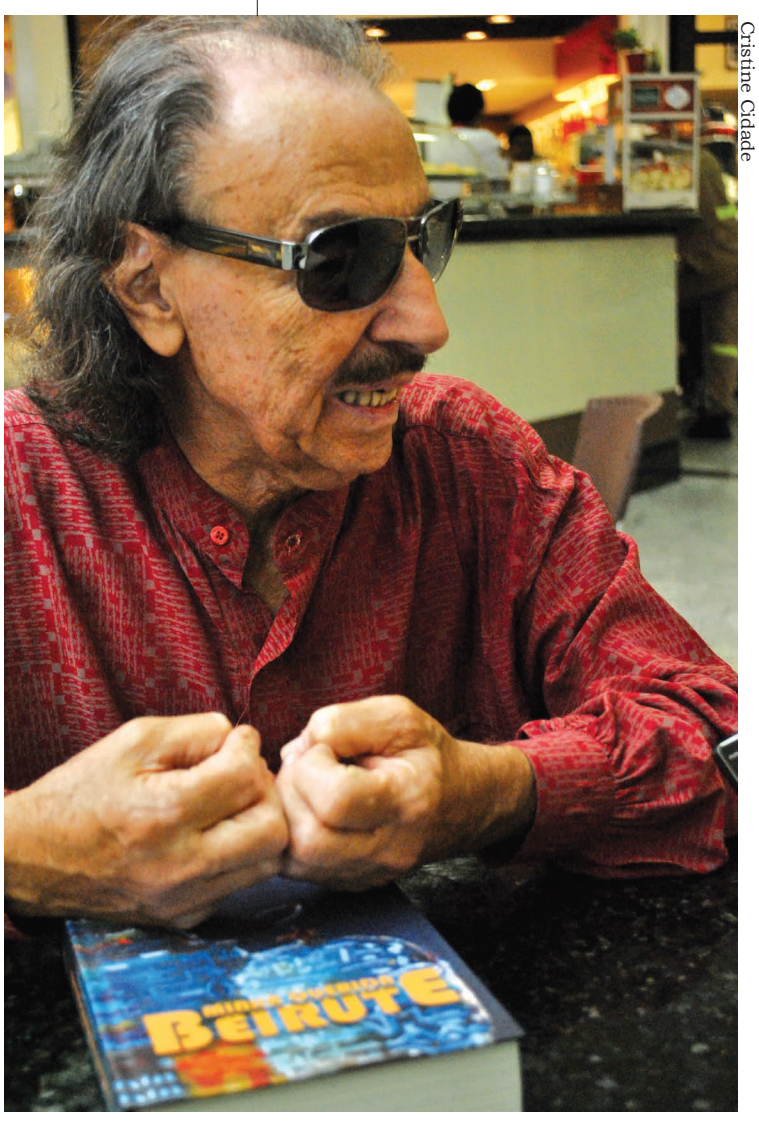
E é dessa universalidade que vem o sexto romance do escritor goiano. "Minha querida Beirute", lançado no último dia 20, não trata exatamente de remédios. Mas contém doses homeopáticas daquilo que nos constitui enquanto humanos, em qualquer lugar do mundo: poder, riqueza, domínio, amor, paixões. Conta a história de Monsalim, um jovem libanês que, fugindo da guerra, chegou ao Brasil e aqui enriqueceu com o comércio. Ele trouxe consigo a tradição árabe da família submissa.

"É do humano que trata, entre arquétipos e raízes, até a fundura do poço, como o punhal enterrado, não só alegórica ou simbolicamente, mas na voragem real, no pescoço memorioso de Monsalim, o país e o homem, infernal sequela de sua vida junto aos porões do poder e da fortuna", detalha Carlos Nejar, que prefaciou "Minha querida Beirute". "Dentro dele (Monsalim) há um universo, o poder, o mando, a ganância, é uma pessoa forte", diz Miguel Jorge.

Por que Beirute? "Talvez porque meu pai tenha vindo de lá. Talvez porque eu devesse escrever alguma coisa sobre essa família árabe, de criação forte, muito família, muito clã, reservada. Mas isso é uma universalidade, não tenha isso apenas como uma família que veio para o Brasil", conta o autor. Apesar disso, ele reitera que não há nada particularmente dele, Miguel, na obra.

"Sou só um observador. E um criador, principalmente". Nada autobiográfico? "Nada, não trabalho com minha biografia. Gosto de criar, trabalhar com a biografia de outras pessoas. A minha não", tenta encerrar o assunto. Mas sobra uma deixa: "Em qualquer parte do Brasil ou do mundo, a literatura é uma coisa muito séria. Tem que ter peso. Não pode ser leve. Eu acredito nos escritores que trabalham de dentro pra fora, não o contrário", disse a este **Jornal do Professor**.





Cristine Cidade

Loucura

Miguel Jorge também escreve contos, crônicas, dramas e poemas. Mas é no romance que ele atinge mais expressão. "Veias e Vinhos" (1981), adotado em vestibulares da UFG e também adaptado para o cinema – em forma de documentário e longa metragem, pelo cineasta João Batista de Andrade – foi consagrado como o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), em 1982. "Nos ombros do cão" (1991) e "Pão cozido debaixo de brasa" (1997) conquistaram prêmios da Biblioteca Nacional.

Os três romances são uma trilogia goiana. "Veias e Vinhos" é uma tragédia que se passa em Goiás. "Nos ombros do cão" é sobre a ditadura no Estado. E "Pão cozido debaixo de brasa" fala sobre o acidente do Césio 137, em Goiânia, que em 2012 completa 25 anos. "Eu vivo aqui. Minhas raízes estão em Goiás", diz o autor, emendando que "é chavão dizer que você canta sua aldeia na universalidade". Então, de onde, afinal, Miguel tira a substância de sua arte? "Sobretudo da loucura. Se você não tiver um pouco de loucura, você não faz arte. Fica na pura realidade que é monótona, chatíssima".

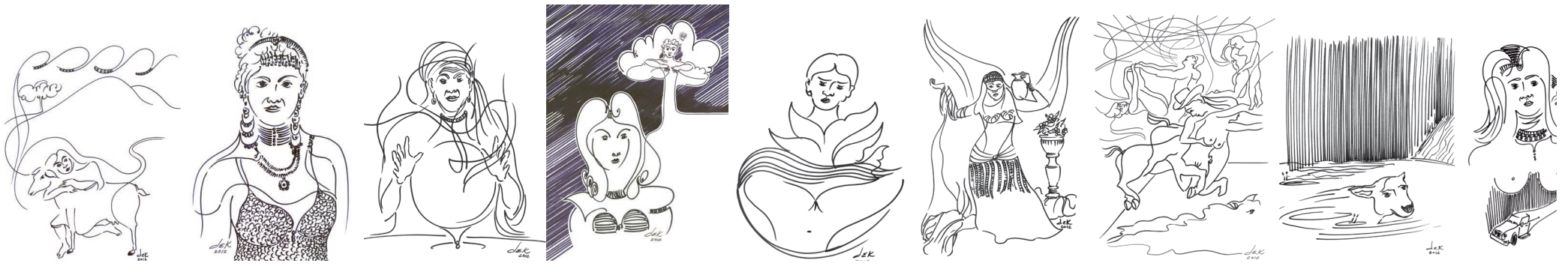
Ele, no entanto, não prescinde da realidade. "Mas preciso muito mais do sonho. Quando escrevo tenho o fio condutor, que é a realidade. Pode ser uma palavra, uma frase, uma notícia, uma conversa com você. Mas preciso sonhar, muito além disso. Senão não faço arte, mas uma simples compilação de coisa acontecida", reflete.

LANÇAMENTO

Minha querida Beirute
- 38 capítulos
- 632 páginas
- Editora Kelps

Miguel Jorge
Prefácio
Carlos Nejar
Ilustrações - **Dek**

À venda no Café do Mundo e na Nobel Livraria e Papelaria, Shopping Bougainville



JOSÉ ÂNGELO RIZZO

História de vida dedicada ao Cerrado

Aos 81anos, o professor Rizzo continua na ativa e representa um legado na área da Botânica

Início dos anos 40. José Ângelo Rizzo deixava a Cidade de Goiás para morar em Goiânia. Acompanhava a transferência do pai, o tesoureiro dos Correios Victor Rizzo, que além de funcionário público também carrega o legado de defensor do meio ambiente.

Como começou a mapear a flora no final dos anos 60, pôde acompanhar a profunda transformação da cobertura vegetal do Estado nos últimos 40 anos. O diagnóstico é de destruição, efeito da expansão da vida urbana, com a construção de cidades e rodovias, mas principalmente do desenvolvimento da indústria agropecuária e da especulação imobiliária.

"O que hoje chamamos de mato grosso goiano, que ia de Jaraguá até Itaberaí (antiga Curralim), eu chamo de 'braquiária goiano', porque é só o que há", critica. "Aquilo tudo era uma mata, hoje só tem resquício de mata. Tudo se desenvolveu, transporte, a indústria, a comunicação. Mas a cobertura vegetal foi destruída".

José Rizzo atendeu ao **Jornal do Professor** em sua sala, no ICB I, Câmpus Samambaia, numa manhã de agosto. Ali é onde fica o Herbário da UFG, fundado e controlado por ele há mais de 30 anos, e onde ficam também suas publicações, pôsteres de congressos organizados por ele, imagens antigas de passagens de sua carreira acadêmica.

Ele abre a gaveta e tira um álbum puído do Fujioka. Mostra as fotos da solenidade que o consagrou o primeiro professor emérito do ICB, título concedido pela então reitora Milca Severino. "Conhece esse aqui?", pergunta, apontando para uma fotografia que mostra o governador Marconi Perillo em visita ao herbário, durante seu primeiro mandato.

O telefone toca. Ele interrompe a entrevista e atende. "Preciso ver para saber a família", falou. Era uma servidora da UFG, que buscava informações sobre as propriedades tóxicas de uma planta encontrada no Campus. "É sempre assim, pessoas querendo saber se uma planta mastigada é venenosa."

Rizzo conhece como ninguém todas as espécies do Câmpus Samambaia. Foi ele quem fundou o Bosque Auguste de Saint-Hilaire, mata nativa próxima à Biblioteca Central, numa luta travada nos anos 70 contra engenheiros da reitoria, que queriam destruí-lo para construir mais prédios. "Por eles, tudo isso tinha virado concreto".

De lá para cá, fundou também o Herbário de Quirinópolis e a Reserva Biológica José Ângelo Rizzo, na Serra Dourada (Goiás).

CONHEÇA MELHOR

José Ângelo Rizzo

– Professor pesquisador associado e professor emérito pela UFG
– Livre-docente com a tese "Contribuição ao Conhecimento da Flora de Goiás – Área na Serra Dourada" – 1970
– Graduado em História Natural pela Universidade Católica de Goiás (UCG) – 1970
– Graduado em Farmácia pela Escola de Farmácia e Odontologia de Goiás (EFFO) - 1955
– Participou da criação da Escola de Farmácia da UFG nos anos 70
– Participou também da criação das escolas de Agronomia e de Veterinária
– Foi diretor do ICB nos anos 70
– Levou a Goiânia dois congressos nacionais e um latino-americano de Botânica
– Preside o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental de Goiânia

Professor Ângelo Rizzo em sua mesa de trabalho no ICB I

Cristine Cidade

"A pesquisa vai bem. O que tem que mudar é a ação dos poderes competentes"

José Rizzo acredita que os avanços tecnológicos em botânica não mudaram sua prática como pesquisador. "Eu acho que toda atividade, quando você tem interesse e dedicação, já está 50% encaminhada", afirma. Nesta entrevista, o professor fala ainda sobre que legado espera deixar.

Cristine Cidade

• De onde veio o interesse pela botânica?

Meu pai foi farmacêutico também, e gostava. E assim eu também gostei. Pela Cidade de Goiás, andávamos pelos morros, pela mata, e fui despertando interesse. Fui professor do Lyceu e sempre ligado a essa área.

• Como os avanços tecnológicos em botânica mudaram sua prática como pesquisador?

Não alterou nada. Eu já tinha um consenso, já tinha responsabilidade, tinha interesse e dedicação. Eu acho que toda atividade, quando você tem interesse e dedicação, já está 50% encaminhada. Consequentemente, está aí a flora, com 42 volumes publicados.

• Mas houve mudança significativa na tecnologia usada na botânica?

Sim, claro. Hoje trabalhamos com programas genéticos, DNA. Antigamente eram mais caracteres morfológicos, hoje evoluiu. Os livros mais atualizados classificam por DNA.

• O senhor utiliza essa tecnologia?

Essa parte fica mais com a bioquímica, aqui são mais características morfológicas.

• O que mais lhe motiva continuar na carreira?

A concretização do herbário e a publicação da flora. E participar ativamente como orientador de dissertações e teses. A formação dos meus substitutos, né? Não sou eterno. Porque o resto eu já atingi tudo que eu podia atingir (risos).

• Que legado o senhor quer deixar?

Esse patrimônio que está aí, o Bosque Saint-Hilaire, a reserva biológica, a publicação da flora, o herbário. E todo relacionamento com a comunidade científica. Porque tenho relacionamento com pessoal do Kew Gardens, do Missouri Botanical Garden, com pesquisadores da Europa, dos Estados Unidos, da América Latina...

• Como o senhor gostaria de ser lembrado?

Por que eu fiz, por isso. Acho que está aí minha contribuição. Eu passei nesse mundo, e se alguém, como o senhor está falando aí, vai deixar (algo)... 'Ó, o professor aí fez alguma coisa, né?' Quero que isso continue, claro. Para esses que me antecederam, está aqui a minha contribuição para eles também, mostrando a importância desses pesquisadores que estiveram aqui no século XIX.

• O que o senhor ainda gostaria de realizar, de mudar?

A manutenção de todas as condições ambientais, manter florestas, evitar poluição de córregos e rios...

• E quanto ao futuro da pesquisa?

A pesquisa vai muito bem. O que tem que mudar é a ação da comunidade e a ação dos poderes competentes, prefeito, governador, presidente, na defesa das condições ambientais. Com controle sobre a expansão imobiliária, procurar proteger a água que abastece Goiânia, se não houver política séria e concreta, haverá cada vez mais destruição.